



Gramática
e
Humanismo

Actas do Colóquio de Homenagem a
Amadeu Torres

Volume II

TÍTULO: **GRAMÁTICA E HUMANISMO**
Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres

EDIÇÃO: ALETHEIA – Associação Cultural e Científica
Faculdade de Filosofia
Universidade Católica Portuguesa
Praça da Faculdade de Filosofia, 1
4710-297 BRAGA
Telef. 253 201 200 • Fax 253 213 940
<http://www.facfil.ucp.pt>

ORGANIZADORES: MIGUEL GONÇALVES
AUGUSTO SOARES DA SILVA
JORGE COUTINHO
JOSÉ CÂNDIDO MARTINS
MARIA JOSÉ FERREIRA

CAPA: MARCELO MARQUES

ISBN: 972-697-179-9

DEPÓSITO LEGAL: 236519/05

TIRAGEM: 450 exemplares

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: BARBOSA & XAVIER, LIMITADA – ARTES GRÁFICAS
Rua Gabriel Pereira de Castro, 31 A e C
4700-385 BRAGA
Tel. 253 618 916 / 253 263 063 • Fax 253 615 350
E-mail: barbosa.xavier@sapo.pt

*

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem a prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.

Índice Geral

COMUNICAÇÕES

ESTUDOS CLÁSSICOS

ANTÓNIO ANDRADE, <i>A figura de Salomão Usque: a face oculta do humanismo judaico-português</i>	15
AIRES PEREIRA DO COUTO, <i>Motivos e mitos clássicos no poema Fontellum de António de Cabedo</i>	27
ANA LÚCIA AMARAL CURADO, <i>No caminho de Neera</i>	43
AGOSTINHO DOMINGUES, <i>O gramático e antologista padre Manuel Álvares e o humanismo jesuíta</i>	57
R. M. ROSADO FERNANDES, <i>Tecnocracia e Humanismo: serão compatíveis?</i>	69
MARIA JOSÉ FERREIRA LOPES, <i>Damião de Góis e os clássicos: vestígios culturais e literários latinos nos Commentarii de Góis</i>	79
ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO, <i>Terêncio na pedagogia dos Jesuítas</i>	97
MARGARIDA MIRANDA, <i>Poética trágica e clássica no teatro bíblico dos jesuítas (séc. XVI)</i> ..	107
AIRES A. NASCIMENTO, <i>«Furta sacra»: relíquias bracarense em Compostela?</i>	121
VIRGÍNIA SOARES PEREIRA, <i>André de Resende e o ensino do latim: o De uerborum coniugatione e outros textos</i>	141
A. COSTA RAMALHO, <i>Sociedade, cultura e estilo epistolar em Cataldo</i>	157
MANUEL AUGUSTO RODRIGUES, <i>O Livro de Eclesiastes na sua vertente histórico-filológica</i> ..	165
E. SÁNCHEZ SALOR, <i>Martín de Braga, el primer humanista de la Gallaecia en el siglo VI</i> ..	183
RUI MANUEL FORMOSO NOBRE SANTOS, <i>Pedro Veiga: um humanista português editor da Arte Poética de Horácio</i>	197
HELENA COSTA TOIPA, <i>Pedro João Perpilhão, historiador</i>	211
CARLOTA MIRANDA URBANO, <i>O Ignatiados de António Figueira Durão (1635)</i>	225
NAIR NAZARÉ DE CASTRO SOARES, <i>A gramática em D. Jerónimo Osório</i>	247

ESTUDOS LITERÁRIOS

ALBERTO A. ABREU, <i>A lição dos clássicos em D. Francisco Manuel de Melo</i>	269
HENRIQUE ALMEIDA, <i>Aquilino Ribeiro, tradutor de Clássicos</i>	279
HÉLIO J. S. ALVES, <i>Narração retórica, narração poética e Os Lusíadas de Camões: o início in medias res</i>	291
TERESA ARAÚJO, <i>Reflexos da Eneida em dois romances de edição quinhentista</i>	301
ANABELA LEAL DE BARROS, <i>O português dos sécs. XVII e XVIII segundo os cancioneiros de mão</i>	317
CÂNDIDA BARROS e CHARLOTTE EMMERICH, <i>Representação de português de índio em um texto teatral jesuítico de 1619</i>	345
ISABEL MARGARIDA DUARTE, <i>É possível ler Os Lusíadas no Ensino Básico</i>	361
JOSÉ EDUARDO FRANCO, <i>A Filologia ao serviço da História. A ideia de Portugal e de Europa na obra historiográfica de Fernando Oliveira</i>	379
HORÁCIO ROLIM DE FREITAS, <i>As duas primeiras cantigas do período trovadoresco</i>	395
K. DAVID JACKSON, <i>Uma edição fac-similada d'Os Lusíadas, 1572: O caso das páginas trocadas</i>	409
HELENA C. LANGROUVA, <i>Narciso, a Filúcia, a Inveja e Pigmalião. A arte, a vida e a crítica</i>	419
AIDA SAMPAIO LEMOS e MARIA PAULA LAGO, <i>A edição de Naceo e Amperidónia: léxico, cultura e praxis amorosa como intertexto vital do século XVI</i>	437
JOSÉ BARBOSA MACHADO, <i>A História do mui Nobre Vespasiano Imperador de Roma (Lisboa, 1496): novos dados e novos problemas resultantes de uma nova edição</i> ...	447
J. CÂNDIDO MARTINS, <i>Génese e conceito da epopeia camoniana na teorização literária de Fidelino de Figueiredo</i>	457
MÁRIO JOSÉ SILVA MELEIRO, <i>Influência clássica no teatro português: a Castro de António Ferreira e de Reis Quita</i>	469
MARIA DO CARMO PINHEIRO e SILVA CARDOSO MENDES, <i>De gustibus est disputandum: o léxico do vestuário em O Primo Basílio de Eça de Queirós</i>	477
FERNANDO ALBERTO TORRES MOREIRA, <i>Realidade e providencialismo nas crónicas de Góis e Osório</i>	489
AMÉRICO A. LINDEZA DIOGO e MICAELA RAMON, <i>A Fénix Renascida, cancionero da poesia barroca portuguesa</i>	497
JOSÉ AUGUSTO MOURÃO e ANA CRISTINA DA COSTA GOMES, <i>«Epílogo da Fé» e «Prólogo» da Inquisição e Segredos da Fé de Diogo de Sá: texto e contexto</i>	507
LUÍS MOURÃO, <i>O bairro, a biblioteca e a máquina filológica – uma leitura parcial de Gonçalo M. Tavares</i>	529
JOSÉ ESTEVES REI, <i>A retórica literário-cultural e A Arte Retórica de J. Luís Vives (1532)</i>	537
CARLOS NEJAR, <i>P^e António Vieira e o Barroco</i>	551

LINO MOREIRA DA SILVA, <i>Influências da Eneida de Virgílio, na catábase de Os Lusíadas, de Camões – uma proposta de abordagem escolar</i>	555
--	-----

MARIA LUÍSA DE CASTRO SOARES, <i>Dos mitos em Camões a Camões como mito</i>	571
---	-----

AO CAIR DO PANO

AMADEU TORRES, <i>Ao cair do pano: universais da Gramática, da Natureza e da Cultura</i> ..	589
---	-----

Terêncio na pedagogia dos Jesuítas

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO
Universidade Católica Portuguesa – Braga
antmelo@braga.ucp.pt

Resumo

Terêncio, poeta cómico latino do séc. II a. C., é objecto de duas referências nas fontes que inspiram a acção educativa da Companhia de Jesus: a IV Parte das *Constituições* e a *Ratio Studiorum*. Os planos de estudos dos colégios haviam de reflectir estas orientações.

Palavras-chave: Humanismo; Terêncio; Jesuítas; pedagogia.

A matriz pedagógica da Companhia de Jesus havia de consolidar-se no século XVI, com a publicação das *Constituições da Companhia de Jesus* (1594) e, mais tarde, da *Ratio Studiorum* (1599). Segundo José Lopes (2002: 21), a sua acção educativa inspira-se ainda no *modus parisiensis*, nos *Exercícios Espirituais* e na própria pessoa de Inácio de Loiola (1491-1556).

No âmbito deste acervo documental, por duas vezes vem à colação Públio Terêncio Africano, poeta cómico latino do séc. II a. C., natural de Cartago; a primeira delas, pelo punho do fundador da Companhia de Jesus, na Parte IV das *Constituições*, intitulada «Como instruir nas letras e em outros meios de ajudar o próximo os que permanecem na Companhia». Depois de, genericamente, recomendar que se evite, na medida do possível, que a juventude leia algum livro dos autores clássicos com passagens imorais, vai assinalar o caso particular de Terêncio (Loiola 1997: 124): «Se alguns, como Terêncio, não puderem de modo algum ser expurgados, mais vale não se lerem, para que a natureza dos assuntos não ofenda a pureza dos corações».

Esta quarta parte, a mais extensa e pormenorizada das dez em que se divide o livro, pode considerar-se um verdadeiro programa escolar, onde se apontam as directrizes para a formação intelectual dos jovens. No início, Inácio de Loiola tinha em mente apenas a preparação dos Jesuítas. Com a aprovação de Paulo III, logo havia de abandonar a norma «nem estudos nem lições na Companhia», para se lançar na aventura do apostolado intelectual, com a abertura de colégios para alunos externos¹. Foi providencial a expe-

¹ De facto, a Fórmula do Instituto, aprovada por Paulo III na Carta Apostólica «Regimini Militantis Ecclesiae», de 27 de Setembro de 1540, consagrava como finalidade da Companhia de Jesus «o aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrina cristãs, e a propagação da fé, por meio de pregações públicas, do ministério da palavra de Deus, dos Exercícios Espirituais e obras

riência narrada por S. Francisco Xavier a partir de Goa, na Índia, entusiasmado com os resultados obtidos no Colégio de S. Paulo, em carta datada de 1542; a abertura do colégio de Gandia, em Espanha, aos alunos da cidade, a partir de 1546, assim como a fundação do Colégio de Messina, dois anos mais tarde, o primeiro destinado exclusivamente aos alunos externos, como nos recorda Peter-Hans Kolvenbach, S.J. (2001, 220), a propósito do 450.º aniversário da fundação do Colégio Romano, aberto a 22 de Fevereiro de 1551, uma «Scuola de Grammatica, di Umanità e Dotttrina cristiana, gratis»².

Como fruto das lições da experiência, Inácio de Loiola foi reformulando o seu primeiro rascunho das Constituições³: a parte IV⁴, de que nos ocupamos, havia de integrar estas novas informações, nomeadamente a referência a aulas para alunos externos, como se pode ler no capítulo VII⁵. Para estes alunos, em 1556, data da morte do fundador da Companhia de Jesus, já havia 39 colégios, 35 deles a funcionar (Farren 1937: 287-291); em 1579, o seu número eleva-se a 180⁶, sinónimo de uma rede escolar ímpar na história da educação, com dimensão europeia, como já observou Margarida Miranda (2001b: 99) e que, acrescentamos nós, antecipou em alguns séculos o espírito do Declaração de Bolonha para o ensino universitário do Velho Continente.

Os números traduzem uma rápida expansão dos colégios e, naturalmente, as situações imprevistas sucederam-se (O'Malley 1993: 227-232). Contudo, a visão de Santo Inácio antecipou-as, levando-o a prometer, já nas Constituições, um tratado à parte, de forma a imprimir um modo de proceder comum a todos os colégios, embora adaptado às circunstâncias de lugares e

de caridade, e nomeadamente a formação cristã das crianças e dos rudes, bem como por meio de Confissões, buscando principalmente a consolação espiritual dos fiéis cristãos». Na Carta Apostólica «Exposcit Debitum», de 21 de Julho de 1550, Júlio III há-de confirmar a Fórmula, agora com a menção de *lições*, como fruto da experiência, embora com o mesmo espírito da fórmula anterior: «Esta foi instituída principalmente para a defesa e a propagação da fé e o aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrinas cristãs, por meio de pregações públicas, lições e qualquer outro ministério da palavra de Deus, Exercícios Espirituais, formação cristã das crianças e dos rudes, e Confissões e administração dos outros Sacramentos, buscando principalmente a consolação espiritual dos fiéis cristãos» (Loiola 1997: 9).

² A propósito, vide a notícia de Margarida (2001a: 443-445).

³ O texto definitivo foi promulgado em 1594, pela 5.ª Congregação Geral. Acerca da redacção das Constituições, vide José Lopes (2002: 91-94)

⁴ No próemio pode ler-se: «[307] O fim que a Companhia tem directamente em vista é ajudar as almas próprias e as dos próximos a atingir o fim último para o qual foram criadas. Este fim, além de uma vida exemplar, exige a necessária doutrina e a maneira de a apresentar» (Loiola 1997: 93).

⁵ «[392] 1. Tendo em vista que os nossos colégios não devem ajudar a instruir-se nas letras e nos bons costumes só os nossos Escolásticos, mas também os de fora, onde convenientemente se puder fazer, instituíam-se aulas públicas ao menos de estudos humanísticos, e mesmo de estudos superiores, conforme as possibilidades que houver nas regiões onde se encontram tais colégios, tendo em vista o maior serviço de Deus Nosso Senhor» (Loiola 1997: 110).

⁶ Para mais dados estatísticos, nomeadamente para os séculos XVII e XVIII, vide Edmond Lamalle (1944: 77-101). Para o séc. XVI são fundamentais os trabalhos de Ladislaus Luckács (1960: 189-245; 1961: 3-89).

peçoas, como se lê no capítulo XIII⁷. Daqui procede a iniciativa de elaborar a *Ratio Studiorum*; após sucessivas redacções (Lopes 2002: 107-112)⁸, a promessa havia de cumprir-se sob o generalato do P. Rudolfo Acquaviva, ao promulgar, no dia 8 de Janeiro de 1599, a edição da *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* (Mon. Paed. 1986)⁹.

Neste plano de estudos da Companhia, em que as regras, breves, se encontram agrupadas em trinta pequenos capítulos, renova-se a proibição da leitura de Terêncio, na 34.ª regra dirigida ao Provincial:

Abstinendum a libris inhonestis

–34. *Omni vigilantia caveat, maximi momenti id esse ducendo, ut omnino in scholis nostris abstinence a libris poetarum, aut quibuscunque, qui honestati bonisque moribus nocere queant, nisi prius a rebus et verbis inhonestis purgati sint; vel si omnino purgari non poterunt, quemadmodum Terentius, potius non legantur, ne rerum qualitas animorum puritatem offendant.*

Devem abster-se de livros desonestos

Vigie com todo o cuidado, tomando isto como da maior importância, para que se afaste totalmente das nossas escolas os livros de poetas ou de qualquer outro autor, que poderiam ser nocivos à honestidade e aos bons costumes, a não ser que primeiro tenham sido expurgados das passagens ou das palavras desonestas; ou então, se de modo nenhum puderem ser expurgados estes autores, como Terêncio, é preferível não os ler, para que a natureza dos assuntos não ofenda a pureza das almas.

Abro aqui um parêntese para um esclarecimento, que nos parece oportuno: outros autores clássicos, como Horácio e Marcial, assim como os humanistas Erasmo de Roterdão e Luís Vives, humanista espanhol natural de Valência, são objecto de idênticos reparos em missiva que o P. Polanco, secretário de Inácio, dirige ao Reitor do colégio de Messina, Aníbal Coudret, a 27 de Agosto de 1553 (Mon. Paed. 1965: 438-439). E talvez venha a propósito citar dois provérbios de Cataldo Parísio Sículo, preceptor de D. Jorge, filho bastardo de D. João II, em tradução do Prof. Américo da Costa Ramalho e de Fernanda Oliveira (2005: 176-177; 186-187)¹⁰:

Homini nullum animal commodius et perniciosius muliere.

Para o homem, nenhum animal é mais vantajoso e mais perigoso do que a mulher.

⁷ «[455] As horas das aulas, com a ordem e o método próprio, os exercícios de composição literária (que devem ser corrigidos pelos professores) ou de disputa em todas as matérias, a declamação pública em prosa e em verso, tudo isso se indicará em pormenor num tratado à parte, aprovado pelo Geral, para o qual remete a presente Constituição. Dizemos somente que esse tratado deve adaptar-se aos lugares, aos tempos e às pessoas, embora seja para desejar, quanto possível, que se chegue a uma ordem comum» (Loiola 1997: 122)

⁸ Vide ainda Margarida Miranda (1996: 223-256).0

⁹ Este volume contém ainda a *Ratio* de 1586 e a de 1591.

¹⁰ Trata-se de um artigo, em que, ao lado da tradução portuguesa, se encontra o texto latino transcrito em caracteres correntes a partir do original, em escrita gótica.

Solers nauta scopulos euitat; uir temperatus mulierum blanditias.

O navegante hábil evita os rochedos; o homem moderado, a lisonja das mulheres.

Voltemos, porém, ao colégio siciliano de Messina. Dois anos antes, portanto em 1551, no dia 14 de Julho, o sucessor do P. Nadal e terceiro reitor deste colégio, Aníbal Coudret, tinha enviado a Roma o seu plano de estudos, um manuscrito redigido em italiano, denominado *De ratione studiorum Messanae* (*Mon. Paed.* 1965: 93-106). Ali se regista que, na segunda classe de gramática, se lê Terêncio todos os dias (*Mon. Paed.* 1965: 97); o mesmo sucedia na terceira classe, a suprema neste colégio (*Mon. Paed.* 1965: 98). Deste ano, as notícias do colégio de Ferrara falam-nos de lições de Terêncio na primeira classe de gramática, a suprema, assim como na segunda (*Mon. Paed.* 1965: 410).

Três anos mais tarde, em 1554, do colégio de Bolonha são enviadas notícias idênticas ao P. Polanco, com esta particularidade: «*Andriam Terentii enarrat*» (*Mon. Paed.* 1965: 456). Um ano mais tarde, Leão Henriques, reitor do Colégio de Coimbra, dá informações precisas das lições do Real Colégio das Artes. Trata-se de uma carta redigida a 4 de Março desse ano. Facto inédito, pois este colégio foi confiado à Companhia de Jesus apenas em Outubro deste ano. Estavam matriculados 1070 alunos e havia dez classes. Neste colégio há notícia de quatro lições de Terêncio, da quinta à oitava classe, onde se lêem respectivamente as comédias *Adelphi*, *Andria*, *Heautontimorumenos* e, novamente, a *Andria* (*Mon. Paed.* 1965: 645).

As primeiras preocupações de Santo Inácio com a «deshonestidade» de alguns autores pagãos parece manifestar-se desde 1549, como se pode ler em carta dessa época (Aicardo 1922: 318):

(...)

Es el caso, que viendo ya la juventud de suyo tan aparejada a recibir y conservar las primeras impresiones que en ella se hacen, ahora sean buenas, ahora malas, y de cuánto momento sean para todo el resto de su vida los primeros conceptos, y los ejemplos y documentos buenos o malos que se les den, y considerando por otra parte cómo los libros, máxime de letras humanas, que suelen comúnmente leerse a los jóvenes, como Terencio, Virgilio y otros, tienen, entre muchas cosas útiles para la doctrina, y no inútiles, antes provechosas para el arreglo de la vida, otras muy profanas y deshonestas, que sólo con entenderse dañan, supuesto que, según dice la Escritura, *los sentidos y pensamientos del corazón humano están inclinados al mal desde su mocedad*, ... y ahora también me parece, bien considerado todo lo dicho, que sería muy conveniente, que de estos libros de humanidades se quitasen las cosas deshonestas y nocivas, poniendo en lugar de ellas otras de más edificación, o bien, sin nada añadir, quedasen las buenas solas, cercenadas las contrarias.

Dois anos mais tarde, Santo Inácio vai solicitar ao jesuíta francês André Frusius uma edição expurgada dos autores clássicos. Entre estes, Terêncio será objecto de maior insistência. Como as dificuldades desta empresa se transformaram em obstáculos difíceis de contornar, O P. Ribadeneira testemunha que, finalmente, o fundador se decidiu pelo 'desterro' de Terêncio das escolas da Companhia (Aicardo 1922: 319):

El P. Andrés Frusio emendó Terencio, purgándole de lo que podia ofender, y mudando en el amor conyugal lo que del deshonesto se dice, para que así se pudiese leer seguramente en nuestras escuelas; pero a Nuestro Padre le pareció que en ninguna manera se leyese, pues la materia es tal, que, de cualquier manera que se trate, no puede dejar de dañar a los mozos.

Missão idêntica teve, entre nós, o P. Luís da Cruz, professor do Colégio das Artes, a pedido do seu Superior, Miguel Torres, conforme se lê em carta datada de 19 de Julho de 1572, citada por Manuel Barbosa na sua tese de doutoramento. Neste contexto, ganha particular relevo o estudo pioneiro de Agostinho Domingues que, de forma sistemática, estudou as antologias de textos latinos clássicos impressas e usadas nos Colégios da Companhia durante o séc. XVI, em Portugal¹¹.

Porém, este princípio havia de encontrar dificuldades na sua implementação e, por isso, as comunidades educativas fizeram chegar o seu descontentamento aos reitores dos colégios. É o caso de Córdova, citado pelo investigador inglês Nigel Griffin (1995: 276):

En cordoua me dixo El corregidor que la çuibdad se quexaua que en los estudios de latinidad dexauamos de leer a Terencio sin el qual no salen gramaticos los scolares, quexa muy repetida en seuilla de los preceptores de latinidad con la qual hazen a muchos padres que quiten a sus hijos de nuestros estudios, y no se satisfacen con decirles que se leen otros autores tan buenos, y aquel se dexa por algunas cosas desonestas que trata.

Este preceitos pedagógicos conduzem-nos a uma questão fundamental: a definição de um cânone literário que, numa época marcada pelo Concílio de Trento e pelo formalismo da Contra-Reforma, «tenta conciliar, numa adaptação da teoria aristotélica ao pensamento horaciano, o fim hedonístico e o fim ético da poesia», como escreve Nair Castro Soares (1999: 180). E é assim que em 1593, na cidade de Roma, se publica a primeira biblioteca escolar da Companhia, a *Bibliotheca Selecta* do P. Possevino.

Esta controvérsia terenciana há-de prolongar-se até ao nosso tempo. Estamos a pensar na obra de um dos grandes mestres desta Faculdade, o P. António Freire, S.J.: as suas gramáticas de Latim e de Grego e, sobretudo, a *Retroversão Latina* e a *Conversação Latina* conquistaram-lhe um lugar ímpar entre os classicistas portugueses, como afirmou a Prof.^a Maria Helena da Rocha Pereira (1999a: 461) na comunicação que proferiu no encerramento do I Congresso da APEC, *Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa*. E logo acrescenta: «o conhecido Jesuíta era um fervoroso adepto do chamado Latim vivo e, tal como Rebelo Gonçalves e Louro da Fonseca, exprimia-se com notável fluência em qualquer das línguas clássicas».

¹¹ Estamos a falar da sua tese de doutoramento, intitulada *Os clássicos latinos nas antologias escolares dos Jesuítas nos primeiros ciclos de estudos pós-elementares no séc. XVI em Portugal*.

Cultivou, ao longo dos anos, uma grande amizade com o Prof. Amadeu Torres que, com grande entusiasmo, temos celebrado ao longo deste três dias: ambos marcaram positivamente gerações sucessivas de discípulos. Com ele, frequentei as quatro linguísticas e um testemunho de vida me ficou: apesar de se tratar de uma área de conhecimento hoje cada mais técnica, tentada a sistematizar mecanicamente a língua, o mestre soube temperar, com paixão, esses conhecimentos com a lição das humanidades, privilegiando mais o entendimento que o saber, pois «não é o muito saber que farta e satisfaz a alma, mas o sentir e gostar as coisas internamente», como nos diz Inácio de Loyola nos *Exercícios Espirituais* (1999: 14)¹².

Dizíamos nós que na obra de Antônio Freire se encontram ecos da controvérsia terenciana na pedagogia da Companhia de Jesus. Com efeito, o *Humanismo Clássico* (1996: 292), no capítulo XXIX dedicado ao teatro romano, consagra algumas páginas a este cômico latino. Quando o mestre jesuíta se interroga se o poeta será um moralizador íntegro, vai dizendo que, em comparação com Plauto,

Os filhos, em Terêncio, são, também, mais respeitosos e dóceis para com os pais; amam com mais reserva e mais fidelidade. Recorde-se Pânfilo em *Andria*, cingindo Glicério pela cintura, no momento em que a jovem ia a precipitar-se sobre a pira em que ardia o cadáver da irmã, e declarando a Mísis que nunca por nada abandonaria aquela que se lhe confiara e que ele recebera como esposa das mãos da irmã moribunda.

E quanto às meretrizes, mais recatadas em Terêncio, «alguma há que restitui a paz doméstica e aconselha o amante a que volte para sua mulher e a ela se dedique, sublinhando que a encontra muito amável», referindo-se, como é evidente, a Báquis de *A Sogra*, bem como ao seu amante, o Pânfilo, marido de Filúmena.

Porém, Antônio Freire não tem dúvidas quanto à influência perniciosa deste autor:

Mas, apesar de tudo o que possa dizer-se de Terêncio como zeloso moralista (*mores facile tutor*), não hesitamos em o considerar quase mais perigoso para os bons costumes do que o próprio Plauto. É que *latet anguis in herba*¹³: o veneno está oculto, se bem que não intencionalmente. Terêncio pinta o vício com cores tão sedutoras, descreve meretrizes e libertinos com aspectos tão simpáticos, que

¹² Naturalmente que acode imediatamente à nossa memória o aforisma clássico *non multa sed multa*, que tem as suas raízes nas Cartas de Plínio-o-Moço (*Epist.* VII. 9.16): *Aiunt multum legendum esse, non multa* ('Dizem que se deve ler muito, não muitas coisas'). Ver Quintiliano 10.1.59. O filósofo Heraclito de Éfeso já havia escrito que «aprender muitas coisas não ensina a ser inteligente» (Fr. 40 Diels-Kranz, *apud* Pereira 1999b: 469). Na mesma linha de pensamento se apresenta o pensamento de Montaigne, numa clara oposição à perícia técnica: 'que se tivesse o cuidado de lhe dar (à criança) um guia que tivesse a cabeça bem feita, de preferência a bem cheia' (*Essais*.I.26).

¹³ Cf. Virgílio, *Ecl.*, 3.93.

os leitores incautos se podem deixar facilmente atrair por certa melopeia falsa destas sereias traiçoeiras. A Crísis e a Glicério de *Andria* são, no fim de contas, reparigas de reputação mais que duvidosa. E, no entanto, Terêncio rodei-as de enorme simpatia e outorga generosos epítetos à sua beleza física e à sua conduta moral. O próprio Pânfilo, que frequenta em companhia de outros a casa delas, é apontado por seu pai como «grande exemplo de domínio próprio – *magnum exemplum continentiae*¹⁴.

Depois da leitura deste testemunho, poucos arriscariam algum desvio a esta ortodoxia. No entanto, a *Selecta Latina*, vol. III, por si organizada – compêndio escolar de uso obrigatório ainda no meu tempo de estudante – reúne excertos, não censurados, de três das suas comédias: *Os dois irmãos*, *O homem que se puniu a si mesmo* e *A moça que veio de Andros*. Desta última comédia, elegemos uma passagem significativa dum trecho que ele intitulou «Protesto de fidelidade». Glicério, namorada de Pânfilo, vê aproximar-se a sua hora! Mísis, sua escrava, avança, apressada, para a casa da parteira. Quando põe o pé na soleira da porta, surpreende-se com a presença de Pânfilo. Deixa-se ficar ali. Pânfilo está transtornado! Não a vê. Agita a cabeça com violência! É o rosto da angústia: «...Tanta teimosia, tanto empenho, para me arrancar de Glicério!... Pobre de mim!...», vai repetindo, em surdina, o rapaz. No leito singelo, perdido a um canto do quarto escurecido, as dores apertam! Mas de Pânfilo, nenhuma notícia! Naquele dia, a moça que vinha de Andros temia o abandono. Entretanto, lá fora, Pânfilo descobre Mísis e evoca as palavras de Crísis, no leito da morte:

«*Mi Pamphile, huius formam atque aetatem vides,
Nec clam te est, quam illi nunc utraeque inutiles
Et ad pudicitiam et ad rem tutandam sient.
Quod hanc per ego te dextram oro te genium tuom,
Per tuam fidem perque huius solitudinem
Te obtestor, ne abs te hanc segregres neu deseras.
Si te in germani fratris dilexi loco,
Sive haec te solum semper fecit maxumi,
Seu tibi morigera fuit in rebus omnibus,
Te isti virum do, amicum, tutorem, patrem;
Bona nostra haec tibi permitto et tuae mando fide».
Hanc mi in manum dat, mors continuo ipsam occupat.
Accepi: acceptam servabo.*

«Meu querido Pânfilo, estás a ver a beleza e a idade desta jovem; e não ignoras quanto estes dois predicados são agora de nenhum préstimo para defender a sua honra e os seus bens. Por isso – em nome desta tua mão direita e do teu génio, em nome da tua fidelidade e da solidão desta jovem – eu te conjuro: não te afastes dela nem a abandones. Se te ameí como a um verdadeiro irmão, se Glicério te considerou sempre (e a ti somente) como o maior dos bens, se Glicério te fez sempre todas as vontades – a ela te dou para que sejas marido,

¹⁴ Cf. Terêncio, *And.*, 92.

amigo, tutor, pai. Todos estes nossos bens eu tos entrego e os confio à tua honra.» Pousa a mão de Glicério na minha mão... E logo a morte se apodera daquela mulher.

Depois da leitura deste trecho, somos tentados a acusar o saudoso mestre de contradição. Trata-se de um assunto que não está ausente da sua reflexão. Por isso, quase a concluir este capítulo do seu *Humanismo Clássico* (1996: 294), esboçou uma resposta: «Se o que nos parece próprio duma moral insustentável, tem a atenuante de se tratar dum poeta pagão, o que há de positivo não desdiz do humanismo cristão». A eleição deste trecho parece revelar ainda uma mensagem muito clara: por mais humilde que seja a condição do ser humano que está à nossa frente, ainda aí se manifesta a essência da humanidade, aberta a Cristo, numa expressão genuína do espírito iniciano, que presidiu à fundação da Companhia de Jesus¹⁵. E neste contexto, assumem especial relevo as considerações feitas por António Freire num artigo publicado na *Brotéria*, a meados do século passado, sugestivamente intitulado «O enterro oficial do latim (sob o signo de Bento Pertunhas)»:

A crise intelectual e moral de muitas nações tem coincido, quase sempre, com tremendas brechas abertas nos baluartes da educação clássica.

Referências

- AICARDO, S. J., José Manuel, 1922, *Comentario a las Constituciones de la Compañía de Jesus III*. Madrid: Blass.
- DALMASES, S. J., Cândido de, 1984, *Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus*. Porto – São Paulo: Livraria Apostolado da Imprensa – Edições Loyola.
- DEMOUSTIER, Adrien & JULIA, Dominique (orgs.), 1997, *Ratio Studiorum. Plan raisonné et institution des études dans la Compagnie de Jésus*. Paris: Éditions Bélin.
- DOMINGUES, Agostinho de Jesus, 2002, *Os clássicos latinos nas antologias escolares dos Jesuítas nos primeiros ciclos de estudos pós-elementares no século XVI em Portugal*. Tese dactilografada. Porto: Faculdade de Letras.
- 2003, «O contributo dos Jesuítas para o humanismo português no tempo de damião de Góis». In: António Maria Martins Melo (org.), *Congresso Internacional Damião de Góis na Europa do Renascimento*, 53-70. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia.
- FARREN, S. J., A. P., 1937, *Colleges for extern students opened in the lifetime of St. Ignatius*. *Archivum Historicum Societatis Iesu* 6: 287-291.
- FREIRE, S. J., António, 1961, *Selecta Latina III (Selecta latinitatis scripta cum romanorum scriptorum ordine et iudicio)*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa.
- 1996, *Humanismo Clássico*. Braga: Edições APPACDM Distrital de Braga.
- GRIFFIN, Nigel, 1995, «Plautus castigatus: Rome, Portugal, and Jesuit drama texts». In: M. Chiabò e Federico Doglio (orgs.), *I Gesuiti e i primordi del teatro barocco in Europa*, 257-286. XVIII Convegno Internazionale del Centro Studi sul Teatro Medievale e Rinascimentale (Roma, 26-30 Outubro de 1994). Roma: Torre d' Orfeo Editrice.
- KOLVENBACH, S. J., Peter-Hans, 2001, L'università gregoriana e la visione di Sant'Ignazio. Il 450.º anniversario dell'Università. *La Civiltà Cattolica* II: 213-222.
- LAMALLE, Edmond, 1944, Les catalogues des provinces et des domiciles de la Compagnie de Jésus. Notes de bibliographie et de statistiques. *Archivum Historicum Societatis Iesu* 13: 77-101.
- LOIOLA, Inácio de, 1997, *Constituições da Companhia de Jesus anotadas pela Congregação Geral e Normas Complementares aprovadas pela mesma Congregação*. Cúria Provincial da Companhia de Jesus – Lisboa. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa.
- 1999, *Exercícios Espirituais*. Tradução de Vital Cordeiro Dias Pereira, S. J., organização e notas de F. Sales de Batista, S. J. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa.
- 2003, *El Peregrino. Autobiografía de San Ignacio de Loyola*. Introducción, notas y comentario por Josep M.ª Rambla Blanch, S. J. Bilbao – Santander: Ediciones Mensajero – Sal Terrae.
- LOPES, José Manuel Martins, 2002, *O projecto educativo da Companhia de Jesus. Dos Exercícios Espirituais aos nossos dias*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.
- LUCKÁCS, S. J., Ladislaus, 1960, De origine collegiorum externorum deque controversis circa eorum paupertatum obortis. Parte I. 1539-1556. *Archivum Historicum Societatis Iesu* 29: 189-245.
- 1961, De origine collegiorum externorum deque controversis circa eorum paupertatum obortis. Parte II. 1557-1608. *Archivum Historicum Societatis Iesu* 30: 3-89.
- 1965, *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu*. Vol. I. (1540-1556). Romae: Institutum Historicum Societatis Iesu.
- 1986, *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu*. Vol. V. *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu (1586, 1591, 1599)*. Romae: Institutum Historicum Societatis Iesu.
- 1992, *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu*. Vol. VI e VII. *Collectanea de Ratione Studiorum Societatis Iesu (1582-1587, 1588-1616)*. Romae: Institutum Historicum Societatis Iesu.
- MIRANDA, Margarida, 1996, Uma 'paideia' humanística: a importância dos estudos literários na pedagogia jesuítica do séc. XVI. *Humanitas* 48: 223-256.
- 2001a, Do colégio Romano à Universidade Gregoriana – Omnium Nationum Seminarium (Roma, 2001). *Humanitas* 53: 443-445.
- 2001b, Humanismo Jesuítico e Identidade da Europa – Uma comunidade pedagógica europeia. *Humanitas* 53: 83-111.
- O'MALLEY, John W., 1993, *The first Jesuits*. Harvard University Press.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, 1999a, «Os estudos clássicos entre a I República e a actualidade. Evolução e novas perspectivas». In: Francisco de Oliveira (org.), *I Congresso da APEC. Raízes greco-latinas da Cultura Portuguesa*, 449-463. Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos – APEC e Instituto de Estudos Clássicos.
- 1999b, «O lugar das humanidades na formação do homem moderno». In: J. A. Pinto Ribeiro (coord.), *O homem e o tempo. Liber amicorum para Miguel Baptista Pereira*, 461-470. Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos – APEC e Instituto de Estudos Clássicos.
- RAMALHO, Américo da Costa & SILVA, Augusta Fernanda Oliveira e, 2005, Cataldo Parísio Sículo, *Provérbios. Agora. Estudos Clássicos em Debate* 7: 165-196.
- SOARES, Nair de Nazaré Castro, 1999, «Dramaturgia e actualidade do teatro clássico: matéria e forma na tragédia quinhentista». In: Francisco de Oliveira (org.), *I Congresso da APEC...* cit., 171-182.

¹⁵ Inácio de Loiola fundou, em Roma, a Casa de Santa Marta, que se destinava a acolher mulheres casadas ou que pensavam abraçar a vida matrimonial, libertando-as de uma vida de prostituição; a esta havia de juntar-se a Casa de Santa Catarina, destinada às filhas das prostitutas (Dalmases 1984: 166).